



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

KAYLANE FERNANDA ARAÚJO DE SOUSA

ENTRE VERSOS E ÁTOMOS: A CIÊNCIA E O PESSIMISMO NA POESIA DE
AUGUSTO DOS ANJOS

PICOS - PI
2025

KAYLANE FERNANDA ARAÚJO DE SOUSA

ENTRE VERSOS E ÁTOMOS: A CIÊNCIA E O PESSIMISMO NA POESIA DE
AUGUSTO DOS ANJOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI – CSHNB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro

PICOS- PI
2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725e

Sousa, Kaylane Fernanda Araújo de.
Entre versos e átomos: a ciência e o pessimismo na poesia de Augusto dos Anjos / Kaylane Fernanda Araújo de Sousa – 2025.
37 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em Letras, Picos, 2025.
“Orientadora: Cristiane Feitosa Pinheiro”.

1. Linguagem científica. 2. Augusto dos Anjos - poesia. I. Sousa, Kaylane Fernanda Araújo de. II. Pinheiro, Cristiane Feitosa. III. Título.

CDD 869.91

Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes
Bibliotecária CRB nº 03/1835



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO

Às 15h (quinze horas) do dia dezesseis de janeiro do ano de dois mil e vinte e cinco, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria da aluna **KAYLANE FERNANDA ARAUJO DE SOUSA** do curso de Letras desta Universidade com o título, **ENTRE VERSOS E ÁTOMOS: A CIÊNCIA E O PESSIMISMO NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS**. A Banca Avaliadora ficou assim constituída: Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro (Orientadora – Presidente), Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (Avaliador Interno – 1º examinador), Profa Me Margareth Valdivino da Luz Carvalho (Avaliadora Externa – 2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 10,0. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 16 de janeiro de 2025.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro
Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro
Universidade Federal do Piauí

Profa Me Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Universidade Estadual do Piauí

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. <i>AGONIA DE UM FILÓSOFO</i> : AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS NA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJO.....	2
2.1 Do Pessimismo de Schopenhauer ao Monismo de Haeckel	3
2.2 A dualidade entre a vida e a morte	8
2.3 Linguagem científica como recurso poético	9
3. METODOLOGIA	12
4. O MOSAICO POÉTICO EM AUGUSTO DOS ANJOS	12
4.1 A dor como essência da existência	13
4.2 Entre vermes e versos: A matéria da vida e da morte	20
4.3 Ciência e Poesia: A União de Dois Mundos em Augusto dos Anjos.....	24
5 A POÉTICA DO PESSIMISMO: REFLEXÕES FINAIS SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS.....	29
REFERÊNCIAS	31

ENTRE VERSOS E ÁTOMOS: A CIÊNCIA E O PESSIMISMO NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Kaylane Fernanda Araújo de Sousa¹

Cristiane Feitosa Pinheiro²

Resumo: Augusto dos Anjos é um autor reconhecido por mesclar elementos científicos, filosóficos e literários, tendo criado um estilo único que desafiou os padrões literários de sua época, abordando temas como pessimismo, isolamento e angústia, de modo que publicada em 1912, *Eu* é a única coletânea do autor. Assim, a presente pesquisa possui como objetivo geral analisar o processo estético de construção do eu e do outro, em *Eu* de Augusto dos Anjos, particularmente nos poemas *Monólogo de uma sombra*, *Psicologia de um vencido* e *Versos íntimos*. Especificamente, buscou-se analisar o processo de construção do pessimismo, do isolamento e da angústia na obra; E, investigar as razões estéticas do uso da linguagem científica como recurso poético potencializador do pessimismo, do isolamento e da angústia. A metodologia é qualitativa, bibliográfica e explicativa, fundamentada em teóricos como Haeckel (1902), Duarte Neto (2000), Almeida (2007), Schopenhauer (2014) e Bosi (2021). Os resultados indicam que Augusto dos Anjos incorporou a linguagem científica, o pessimismo filosófico de Schopenhauer e o monismo de Haeckel, desenvolvendo um estilo que integra ciência, filosofia e literatura. E, essa fusão contribuiu não apenas para o processo de construção do eu e do outro em sua obra, mas também para intensificar os temas de pessimismo, isolamento e angústia que permeiam os poemas analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto dos Anjos. Linguagem científica. Pessimismo. Angústia.

1. INTRODUÇÃO

Augusto dos Anjos, um importante autor brasileiro, publicou somente uma obra, *Eu*, em 1912, com o total de 58 poemas, que causou choque na população e não fez o sucesso inicial que ele esperava que fizesse, por causa de seu linguajar científico e até um pouco grotesco para a época.

O autor apresenta em sua obra características tanto do Parnasianismo, como do Simbolismo e do Pré-modernismo. É reconhecido por integrar conceitos científicos em sua poesia e criar um estilo único que mescla ciência, filosofia e literatura. Assim, a presente pesquisa realizou uma análise detalhada dessa fusão ao destacar como a terminologia científica contribuiu para a profundidade e singularidade de sua obra.

¹ Graduanda do Curso de Letras- Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CHSNB): kaylanesousa13@ufpi.edu.br

² Professora Doutora em Educação, docente do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) .

A pesquisa se justifica pela necessidade de ampliação do campo de estudos em torno da obra de Augusto dos Anjos, especificamente, na busca pela compreensão das conexões entre o pessimismo, individualidade, isolamento, angústia e a linguagem científica adotada. Além disso, o tema converge com minhas aspirações profissionais e com a área com a qual me identifico, a saber, os estudos literários.

O corpus de análise recaiu sobre os poemas *Monólogo de uma sombra*, *Psicologia de um vencido*, e *Versos íntimos*. Para desenvolvimento da análise, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: como ocorre o processo estético de construção do eu e do outro na obra *Eu* de Augusto dos Anjos?

Elegeu-se como objetivo geral analisar o processo estético de construção do eu e do outro, em *Eu* de Augusto dos Anjos. Especificamente, buscou-se analisar o processo de construção do pessimismo, do isolamento e da angústia na obra; E, investigar as razões estéticas do uso da linguagem científica como recurso poético potencializador do pessimismo, do isolamento e da angústia

O caminho metodológico facilitador do atendimento tanto do problema de pesquisa quanto dos objetivos se deu a partir da adoção de uma abordagem de natureza qualitativa, bibliográfica e explicativa.

A base teórica se alicerçou nos estudos de Haeckel (1908), Schopenhauer (2014), Bosi (2021), Almeida (2007) e Duarte Neto (2000), além de outros autores que também contribuíram significativamente para a pesquisa.

2. AGONIA DE UM FILÓSOFO: AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS NA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJO

O presente tópico se estrutura em três principais subseções que abordam as influências filosóficas e científicas na poesia de Augusto dos Anjos. Na primeira seção, abordou-se o pessimismo filosófico de Arthur Schopenhauer (1788-1860) como uma das bases teóricas para compreender a obra de Augusto dos Anjos.

Considera-se que Schopenhauer vê a vida como um ciclo de sofrimento inevitável e defende que o melhor seria não ter nascido. A vida é retratada como um crime punido pela morte, a procriação é vista como um meio de perpetuar as misérias da vida, e a arte oferece um alívio temporário ao sofrimento humano, proporcionando uma experiência estética que mitiga a dor incessante da existência.

Por outro lado, Ernst Haeckel (1834 -1919), com sua filosofia monista, é outra influência importante. Haeckel propõe que vida e morte são apenas transformações em um ciclo natural de energia, sem distinção entre corpo e alma. Ele vê a morte como uma parte natural e necessária do ciclo da vida, uma transformação que contribui para a formação de novas formas de vida.

Sob esse viés, a segunda subseção, discutiu a dualidade entre vida e morte sob a ótica de Schopenhauer, além de contar também com contribuições de Duarte Neto (2000) e Rojo (2020).

Por fim, a terceira subseção discute o uso da linguagem científica na poesia de Augusto dos Anjos como um recurso estilístico, a partir do olhar de Aragão (2020) e Sabino (2006), mostrando que a ciência e a arte, embora diferentes em seus métodos, encontram um ponto de interseção na poesia científica.

2.1 Do Pessimismo de Schopenhauer ao Monismo de Haeckel

Augusto dos Anjos nasceu em 20 de abril de 1884, no Engenho Pau d'Arco, município de Sapé, na Paraíba. Desde jovem, demonstrou inclinação para a literatura e os estudos clássicos e, aos 9 anos, ingressou no Liceu Paraibano.

Em 1903, iniciou seus estudos na Faculdade de Direito do Recife e nela se formou em 1907. Durante seu período universitário, envolveu-se com o círculo intelectual da época, participando de discussões literárias e filosóficas que moldariam seu estilo e temática poética.

Após se formar, Augusto dos Anjos exerceu diversas atividades, incluindo a de professor, tanto em Pernambuco quanto na Paraíba. Em 1912, Augusto dos Anjos publicou sua única obra, *Eu*, uma coletânea de poemas que se tornou um marco na literatura brasileira. Seu estilo singular, que mesclava o Parnasianismo e o Simbolismo com elementos do cientificismo e do pessimismo filosófico ,

destaca-se pela linguagem crua e direta, explorando temas como a morte, a dor, a decomposição e a insignificância da existência humana. Segundo Alfredo Bosi:

Trata -se de um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um critério estético extremamente aberto que possa reconhecer além do mau gosto do vocabulário rebuscado e científico, a dimensão cósmica e a angústia moral de sua poesia. (Bosi, 2021. p. 306).

Sua obra é marcada por um estilo único que impossibilita sua classificação absoluta, e faz uma combinação de pessimismo com cientificismo e uma profunda reflexão existencial que captura com precisão as emoções mais sombrias e introspectivas da condição humana. Assim, há a presença de um isolamento tanto emocional como existencial em sua poesia. Segundo Almeida (2007, p. 50), “[...] O autor já não se insere numa periodização literária, mas a filosofia, a história, sociologia, antropologia e até mesmo boa dose do cientificismo do mundo em que viveu influenciaram muito sua obra.”

Quanto à proximidade com a filosofia, Augusto dos Anjos se inspirou no pessimismo de Schopenhauer, filósofo que, grosso modo, defende a positividade da dor e que a essência do mundo é o sofrimento. Nesse caso, a vida não passa de um acúmulo de tragédias e “o sofrimento [...] é regra e não exceção.” (Duarte Neto, 2000, p.12). Isso acontece porque, consoante o filósofo, a dor é mais constante que o prazer, de modo que o prazer não passa de um descanso, alívio para a miserável condição humana. Ele também defende que as visões otimistas da vida devem ser vistas quase que como afronta, nos desafiando a enfrentar a realidade sem as lentes do otimismo. Sua filosofia insiste na necessidade de reconhecer o sofrimento como uma parte central da existência humana.

O filósofo não nega a possibilidade de momentos de alívio ou beleza, mas argumenta que são raros e temporários, não representando a essência da vida, uma vez que “o bem, a felicidade, a satisfação são negativas, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar em desgosto” (Schopenhauer, s/d, p. 26).

Ademais, defende que a satisfação de um desejo apenas leva ao surgimento de novos desejos, formando assim um ciclo infinito de insatisfação, pois “quanto mais se quer, mais se sofre” (Duarte Neto, 2000, p. 16), assim:

Para Schopenhauer, [...], a filosofia deve partir do mundo e não dos conceitos. Desse modo, partindo da realidade como ela lhe parece, o mundo é, na sua visão, um lugar de predomínio do sofrimento e do mal e não da felicidade e do bem vindouros de um artífice bondoso, que, para ele, não existe. (Duarte Neto, 2000, p. 16).

Destarte, a única forma de mitigar esse sofrimento que predomina é através da negação das vontades e por meio da arte, visto que esta propicia um distanciamento temporário das nossas vontades:

Aquilo que se poderia nomear o lado mais belo e a pura alegria da vida, precisamente porque nos arranca da existência real e nos transforma em espectadores desinteressados diante dela, é a fruição do belo, a alegria autêntica na arte. (Schopenhauer, 2005, p. 404)

Ou seja, se a vida é carência, a arte suaviza no eu o fluxo incessante da dor. A arte, portanto, assume uma função redentora ao proporcionar uma forma de alívio e escape do sofrimento inerente à vida. Enquanto outras formas de alívio, como o prazer físico ou a realização de desejos são efêmeras e rapidamente substituídas por novas necessidades, a experiência estética oferece uma paz mais duradoura e profunda.

Entretanto, apesar de ser influenciado pelo pessimismo schopenhaueriano, Augusto dos Anjos não é influenciado pelo fundamento desse pessimismo. Assim sendo, ele busca inspirações em outras fontes e em outras teorias, como, por exemplo, em Ernst Haeckel, que defende o Monismo, uma concepção materialista da existência e que cada indivíduo é uma parcela finita da matéria.

O Monismo é uma visão filosófica e científica que busca integrar todos os fenômenos da existência — físicos, mentais e espirituais — sob uma única substância ou princípio subjacente. Nas palavras de Haeckel (1908, p. 3):

Depois que Roberto Mayer e Helmholtz estabeleceram a lei de conservação da energia, demonstrou-se que a energia no mundo constitui uma quantidade constante e imutável; mesmo

quando uma força parece diminuir ou desaparecer, isso não é mais do que a transformação de uma força em outra. Também a lei de Lavoisier sobre a conservação da matéria nos ensina que a matéria do Cosmos representa uma quantidade constante e invariável; assim quando um corpo parece desaparecer, por exemplo na combustão ou mostra-se como novo na cristalização, trata-se sempre e apenas de uma mudança de forma e de combinação. Estas duas grandes leis, a lei fundamental física da conservação da força e a lei fundamental química da conservação da matéria, podemos-las reunir num conceito filosófico, a lei da conservação da substância. Na nossa concepção monista, com efeito, a força e a matéria são inseparáveis e simples manifestações diferentes de uma mesma essência universal, a substância.

Haeckel, que era biólogo e naturalista, desenvolveu sua teoria monista a partir de sua perspectiva materialista e científica sobre a vida, fundamentada na ideia de que não há distinção essencial entre o corpo e a mente, o espírito e a matéria, ou seja, toda realidade é composta por uma única matéria universal, cuja complexidade dá origem aos diversos aspectos da existência, desde o funcionamento das células até os processos de pensamento e sentimento humanos:

[...]Em primeiro lugar estou plenamente de acordo com a sua concepção unitária da natureza inteira, que designamos com o único nome de Monismo. Expressamos também, sem dúvida alguma, a convicção de que um espírito está em tudo e que todo o mundo conhecido existe e se desenvolve por uma lei fundamental comum. Por isso insistimos particularmente na unidade fundamental da natureza orgânica e inorgânica, cuja última começou relativamente tarde a evolucionar da primeira. (Haeckel, 1908, p.1)

Haeckel rejeita o dualismo presente entre corpo e alma, pois tudo é a manifestação de uma única matéria. Nas palavras de Haeckel (1908, p. 1), “[...] “repelimos a distinção habitual entre a ciência da natureza e a do espírito a segunda não é mais do que uma parte da primeira ou reciprocamente as duas não fazem mais do que uma.”

Ademais, argumenta também que a duração da vida é só uma parcela do que se sabe existir e uma hora o corpo volta à unidade original, ou seja, a vida e a morte são parte de um ciclo natural em que a matéria se transforma continuamente. Sob esse viés, a individualidade é apenas uma expressão temporária e limitada da matéria universal. Quando o corpo morre, ele

simplesmente retorna a essa unidade original, num ciclo de nascimento e morte que é essencialmente um processo natural e contínuo. Esse processo, para ele, deve ser aceito sem o temor que a ideia do fim geralmente inspira, pois não há um desaparecimento da matéria, mas uma transformação e uma reintegração ao todo.

Assim como Haeckel, Augusto dos Anjos vê a existência individual como uma expressão limitada de uma substância maior, que engloba tudo e todos em uma unidade primordial, de modo que em sua obra o *Eu* não possui uma essência permanente ou imutável, pois é uma forma temporária que um dia retornará à matéria original, participando do processo contínuo de transformação.

Sob esse contexto, a vida e a morte, o espiritual e o material são faces de uma única realidade, de modo que ele explora a ideia de que tudo está interligado. Seres humanos, animais e até coisas inanimadas compartilham da mesma essência. Assim, a morte não é um fim absoluto, mas uma transformação dentro do ciclo da matéria, o que reflete a ideia monista de continuidade, e todas as substâncias se fundem em um só ciclo universal.

Essa noção de um *Eu* interligado com o todo da matéria é essencial em sua poesia. Ao explorar a morte, a decomposição e o renascimento da matéria, Augusto dos Anjos ultrapassa as limitações de um eu individual isolado e enxerga a identidade pessoal como um fragmento de um ciclo mais amplo. A individualidade, seria então uma condição efêmera, uma forma passageira da matéria que, ao morrer, reintegra-se ao universo, ao *Outro* cósmico que nos envolve. Assim, esse *Eu* se dissolve ao mesmo tempo em que se constrói: o ser, em sua individualidade, é apenas uma parcela provisória do todo, e, portanto, sua existência depende da unidade universal à qual retornará inevitavelmente.

É uma visão racionalista da vida, na qual o pensamento e os sentimentos são todos feitos do trabalho mecânico das células. No entanto, Haeckel defende essa teoria, não de modo triste ou assustador, mas sim como uma possibilidade de aproveitarmos e nos deliciarmos com a beleza do universo, partindo de uma tentativa maior de conciliar ciência e filosofia, na qual ele busca explicar a totalidade da experiência humana a partir de uma perspectiva científica. O monismo, assim, representa uma visão de harmonia e continuidade entre todas as partes do universo, onde vida e morte, matéria e espírito, coexistem como

partes inseparáveis de um mesmo todo universal.

Todavia, para Augusto dos Anjos, essa visão cientificista e determinista da vida humana como um produto químico e astrológico é perpassada por um senso de fatalismo e desespero. Não há nada mais assustador do que a putrefação da própria carne.

Desse modo, a angústia na poesia de Augusto dos Anjos é uma manifestação poética de um pessimismo existencial que ressoa com as ideias monistas de Ernst Haeckel, já que ambos veem a vida como um processo inevitável de nascimento, evolução e morte, governado por leis naturais imutáveis.

Destarte, temos um eu poético em conflito com seu mundo e ambiente em que está inserido. Quando se há essa junção, forma-se um eu lírico angustiado, que sabe que o fim é uma certeza e, ao mesmo tempo, apavora-se com essa ideia.

2.2 A dualidade entre a vida e a morte

Segundo Deyve Redyson (2009, p. 7), “Schopenhauer criou o pessimismo filosófico e dele fez escola, com o propósito de demonstrar que este é o pior dos mundos possíveis, e, por isso, para o homem seria melhor não ter nascido”, ou seja, a vida é como um crime e a pena é a morte, mas “se a vida é um crime, [...] a cópula e a conseqüente procriação são alvos de violentos ataques dentro do pensamento schopenhaueriano.” (Duarte Neto, 2007, p. 21), pois, é por meio da procriação que as vontades são passadas de pai para filho e “com ela todas as mazelas da vida.” (Duarte Neto, 2007, p. 21). Não é como se a vida e a morte fossem opostas, pelo contrário, a morte é um acontecimento, uma certeza.

Em sua obra *Metafísica do amor/ Metafísica da morte*, Schopenhauer (2000, p. 21), discorre que:

[...] em essência, o inseto que morre é idêntico ao que nasce, assim como o homem que dorme é o mesmo que acorda, ou, em termos mais globais, o homem que morre (um grande sono) é o mesmo que um dia renascerá (despertará) num recém-nascido.

Augusto dos Anjos, além de apresentar uma visão parecida, defende que o nada é preferível à vida. Porém, para o poeta a morte é frequentemente retratada como uma libertação do sofrimento e das misérias da vida. No entanto, essa libertação é paradoxal, pois a morte também é temida e vista como uma aniquilação definitiva. Nesse sentido nascer é uma fatalidade cujo intuito é propiciar o aumento do sofrimento humano, geração por geração.

Em contrapartida, o homem mesmo sabendo que irá morrer, fica angustiado e faz o possível por qualquer forma de vida.

As ideias de Haeckel sobre a morte também estão intrinsecamente ligadas à sua filosofia monista e à sua visão científica do mundo. Via a morte não como um evento trágico ou transcendental, mas como uma parte natural e necessária do ciclo da vida, fundamentada em princípios científicos e evolucionistas.

Destarte, Haeckel propõe que todas as formas de existência, incluindo vida e morte, são manifestações de uma única substância fundamental, sendo ambos dois lados da mesma moeda. Dentro dessa perspectiva, a morte é simplesmente uma transformação de energia, uma continuidade dentro do ciclo natural do movimento da vida, que seria triplo: unidade — separação / diferenciação — retorno à unidade.

Nesse ínterim, todos os organismos, ao morrer, retornam à terra, decompondo-se em seus elementos constituintes e contribuindo para a formação de novas formas de vida. Esta visão holística reforça sua filosofia monista, onde vida e morte são ciclos contínuos de transformação em um sistema unificado.

Assim, a decomposição dos organismos após a morte, é vista por Haeckel como um processo natural de reciclagem de matéria e energia, essencial para a sustentabilidade dos ecossistemas, logo o ciclo de vida e morte seria uma expressão da interconexão e interdependência de todas as formas de vida.

2.3 Linguagem científica como recurso poético

A poesia científica é um subgênero literário que busca harmonizar a arte poética com a linguagem e os conceitos da ciência. Ela emerge da tentativa de compreender e expressar a complexidade do mundo natural mediante uma lente tanto estética quanto racional, em oposição ao romantismo, é “uma tendência nova, oriunda do fastio deixado pelo abuso do subjetivismo romântico e do desenvolvimento das modernas teorias científicas” (Machado, 2002, p. 416).

A poesia científica é, portanto, uma resposta à saturação do Romantismo e ao seu intenso subjetivismo, que valoriza as emoções individuais acima de qualquer outro aspecto. Já a poesia científica busca fundamentar-se em uma visão mais objetiva e universal, incorporando o rigor e o vocabulário técnico da ciência em suas construções poéticas. Assim:

[...] o sentimento geral era de que a poesia romântica havia sido ultrapassada, não constituindo-se como um meio legítimo de representação da nova mentalidade racionalista, relativista, materialista, naturalista, anti-metafísica e anti-teológica surgida em meados do século. Com o vazio deixado pelo fim do Romantismo, a poesia passou por uma espécie de crise, alguns chegaram mesmo a acreditar que ela não teria mais razão de ser e admitiram seu desaparecimento. (Sabino, 2006, p.14).

Ganhou maior proeminência no século XX, quando a interseção entre ciência e literatura se tornou mais explícita, e alguns poetas mostraram que a ciência e a arte não precisam ser mutuamente exclusivas, ou seja, é um ponto de encontro entre duas áreas aparentemente distintas: a ciência e a literatura. Enquanto a ciência busca compreender e explicar o mundo por meio de observações, experimentos e raciocínio lógico, a poesia se dedica a expressar emoções, experiências e percepções humanas de forma estética e subjetiva. Logo, este tipo de poesia utiliza terminologia científica, metáforas e referências a fenômenos naturais para explorar temas universais como a existência, a natureza humana, o cosmos e o tempo.

Desse modo, uma das características mais marcantes da poesia científica é o uso de terminologia específica de áreas como biologia, física, química e astronomia. Em outras palavras, o uso de uma linguagem científica,

representa uma fusão intrigante, na qual a linguagem técnica da ciência se entrelaça com a expressividade e a subjetividade da poesia.

Esta união não apenas amplia os horizontes de ambos os campos, mas também cria uma forma de arte que comunica conceitos científicos de maneira envolvente e acessível. Outras características deste tipo de linguagem são a sua precisão, objetividade e clareza, além do uso de descrições detalhadas e estrutura lógica. Assim, quando a linguagem científica é incorporada na poesia, ocorre uma transformação notável. A precisão técnica é mantida, mas é envolta em uma estrutura estética que apela à sensibilidade humana.

Essa nova perspectiva poética transcende a observação superficial e tenta penetrar as estruturas subjacentes da existência, muitas vezes confrontando o leitor com imagens cruas da realidade ampliando as fronteiras da poesia ao misturar, de maneira crítica e provocativa, as sensibilidades da arte com a objetividade da ciência, desafiando o leitor a encontrar beleza e horror na mesma imagem racional.

Destarte, palavras como "quarks", "mitocôndrias", "nebulosas" e "entropia" são frequentemente encontradas em poemas científicos, não apenas como termos técnicos, mas como elementos poéticos carregados de significado. Em um sentido mais amplo, a Terminologia é a ciência dos termos, uma disciplina que "designa os conceitos em uma língua especializada ou língua de especialidade: (tecno)leto." (Aragão, 2020, p. 121).

À primeira vista, a relação entre terminologia e literatura pode parecer improvável. No entanto, quando analisamos as obras de alguns poetas, vemos como a terminologia científica pode ser incorporada de maneira inovadora e expressiva na poesia, o que mostra a importância de fazer uso das possibilidades linguísticas disponíveis. De acordo com Aragão (2020, p. 131), "saber utilizar essas possibilidades da língua é uma das formas de marcar o estilo de cada autor, diferenciando-o de outros autores e do falante/escritor de textos."

Com outras palavras, a relação entre terminologia e literatura, especialmente na forma de poesia científica, mostra que a exploração das possibilidades linguísticas é essencial para a inovação literária. Assim sendo, Augusto dos Anjos, em sua obra, mesclou poesia, ciência e filosofia, fazendo

desse modo uma poesia heterogênea e unindo três mundos distintos em um só.

3. METODOLOGIA

A priori, buscou-se analisar a obra *Eu* (1912) de Augusto dos Anjos investigando desde o pessimismo de Schopenhauer, o Monismo de Haeckel até o uso da linguagem científica, como forma de entender o processo estético de construção do *Eu* e do *Outro*.

Assim sendo, este estudo, possui uma natureza qualitativa, dando ênfase a uma análise detalhada dos poemas citados, pois a abordagem qualitativa “procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as conseqüências.” (Oliveira, 2011, p.24).

Adotou-se também a pesquisa explicativa que, conforme Gil (1999, p. 28), é aquela que “mais se aproxima da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”, e isso acontece por meio da exploração do texto literário, e da descrição de alguns fenômenos apresentados no texto que estão cientificamente consoantes o objeto de estudo escolhido.

Quanto à metodologia de análise dos dados foi realizada por revisão bibliográfica, visto que ela “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”. (Lakatos e Marconi 2001, p. 183).

Para entender o processo dessa construção, foram abordados conceitos definidos por Arthur Schopenhauer (2000; 2005) e Ernst Haeckel (1908). Para a contextualização de qual escola literária Augusto dos Anjos faz parte, foram utilizados Bosi (2021) e Almeida (2007).

Na segunda parte, buscou-se entender a dualidade entre a vida e a morte, presente na obra. Para tanto, recorreu-se aos ensinamentos de Duarte Neto (2000) e Deyve Redyson (2009). Esta pesquisa também fez uso dos estudos de Machado de Assis (2002), Aragão (2020) e Sabino (2006).

O corpus de análise recaiu sobre os poemas *Monólogo de uma Sombra*, *Psicologia de um Vencido* e *Versos Íntimos* da obra *Eu*.

4. O MOSAICO POÉTICO EM AUGUSTO DOS ANJOS

Eu, grosso modo, é uma fusão combinatória do Simbolismo, Pré-Modernismo e Parnasianismo, de modo que o Simbolismo fornece a atmosfera sombria e a carga introspectiva, enquanto o Pré-Modernismo influencia sua linguagem direta e seu tom crítico sobre a sociedade e a condição humana. O Parnasianismo, por sua vez, aparece em sua estrutura rigorosa e na precisão do vocabulário, mas é subvertido pela escolha de temas nada típicos dessa escola.

A fusão dessas influências torna Augusto dos Anjos uma figura única na literatura brasileira, capaz de transitar entre estilos e tradições para criar uma obra que reflete a inquietação, o desespero e a complexidade da existência humana. Nas palavras de Duarte Neto (2000, p. 92): “[...] apesar do vasto manancial em que está imersa, apesar da heterogeneidade de influências, Augusto dos Anjos apresentou-nos em sua obra uma coerência raramente vista no campo poético.”

Em outras palavras, o poeta tem uma capacidade única de transformar uma variedade extensa e heterogênea de influências em uma obra coesa e singular e conseguiu integrar as diversas influências em um estilo próprio e facilmente reconhecível.

Em vez de dispersar sua poética entre temas e estilos diferentes, organiza essas influências em torno de um núcleo sólido de desespero existencial e visão pessimista da vida, que se tornam uma marca pessoal, onde o caos existencial encontra forma em uma linguagem estruturada e em uma visão de mundo homogênea, marcada pelo pessimismo e pela reflexão sobre a fragilidade humana.

A par disso, elegeu-se como categorias de análise o sofrimento e a desilusão em relação à vida; a vida e a morte como processos naturais interligados, sem culpa ou redenções; e, a poética científica, explorando a fusão entre a ciência e a poesia.

4.1 A dor como essência da existência

“a desgraça geral é a regra”

(Schopenhauer, s/d, p.7).

Para Schopenhauer, a dor não é acidental ou circunstancial, ou seja, não é algo que ocorre ocasionalmente ou de forma isolada. Pelo contrário, essa dor é uma condição contínua e inerente à existência: “é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim” (Schopenhauer, s/d, p. 7).

A vida carrega, em sua essência, uma "miséria inerente," ou seja, um estado de sofrimento e insatisfação que acompanha a experiência de viver. A própria natureza da vida é impregnada de desejo e falta e o ser humano está sempre em busca de algo que, quando alcançado, se torna obsoleto, provocando novas necessidades. O sofrimento, para essa visão, advém da insatisfação e da luta contínua pela sobrevivência e pela realização de desejos impossíveis de serem plenamente saciados. Assim, a dor e a miséria não são uma experiência isolada ou limitada a um indivíduo ou grupo.

Esse pensamento também perpassa a obra de Augusto dos Anjos, que enxerga o sofrimento como uma condição fundamental e inevitável da existência, e a vida como um ciclo inescapável de dor, que sempre se renova: “Ah! Dentro de toda a alma existe a prova/ De que a dor como um dardo se renova, / Quando o prazer barbaramente a ataca.” (*Monólogo de uma Sombra*, p.29).

O eu lírico de *Monólogo de uma Sombra* expressa uma visão desoladora da existência, reforçada pela metáfora da sombra, algo intangível, que parece representar tanto a ausência de substância quanto a natureza ilusória do ser. Essa sombra surge como um reflexo da dor humana, um símbolo da condição existencial onde a alma é aprisionada pela tristeza e pela percepção da fragilidade da vida. A angústia do eu lírico lembra a perspectiva de Schopenhauer, que enxerga a vida como intrinsecamente dolorosa e entende a dor como inevitável e perene.

Nessa visão, a alegria se torna mais dolorosa que a própria dor, e a única maneira de amenizar esse sofrimento constante é pela renúncia aos desejos e por meio da arte, como podemos ver nas seguintes estrofes:

[...]
Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,

Abranda as rochas rígidas, torna água
 Todo o fogo telúrico profundo
 E reduz, sem que, entanto, a desintegro,
 À condição de uma planície alegre,
 A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento
 Pelas grandes razões do sentimento,
 Sem os métodos da abstrusa ciência fria
 E os trovões gritadores da dialética,
 Que a mais alta expressão da dor estética
 Consiste essencialmente na alegria.
 [...] (Anjos, 2012, p. 29-30)

Essa visão ressoa diretamente com a filosofia de Schopenhauer pois, para ele o sofrimento é intrínseco à condição humana, já que a vida é marcada por uma busca constante e insaciável de desejos. No entanto, ele via a arte como uma forma única e poderosa de transcendência, um meio de escapar temporariamente das angústias que permeiam o mundo:

Basta lançar um olhar desinteressado sobre qualquer homem, qualquer cena da vida, e reproduzi-los com a pena ou o pincel para que logo pareçam cheios de interesse e de encanto, e verdadeiramente dignos de inveja; mas se tomamos parte nessa situação, se somos esse homem, oh! então, como muitas vezes se diz, só o diabo a poderia sustentar (Schopenhauer, s/d, p. 38).

A dor se impõe, exige atenção e nos lembra constantemente da nossa vulnerabilidade e da incompletude inerente à existência humana. Esse contraste entre dor e prazer sugere que o prazer é meramente uma pausa temporária e até mesmo ilusória, assim, “a desgraça geral é a regra” (Schopenhauer, s/d, p.7).

Entretanto, o pessimismo não foi a única fonte da qual Augusto dos Anjos bebeu, assim, essa perspectiva também pode ser associada ao monismo de Ernst Haeckel, que complementa o pensamento de Schopenhauer.

Enquanto Schopenhauer focalizava a dor e o sofrimento como inevitáveis, Haeckel, com o monismo, traz uma visão naturalista da existência, sugerindo que toda a realidade é constituída por uma única substância, implicando que o ser humano e o mundo físico não são essencialmente distintos, mas partes de um único sistema contínuo:

Já se não pode traçar um limite exato entre estes dois domínios principais da natureza, nem estabelecer uma distinção absoluta entre o reino animal e o vegetal ou entre o mundo animal e o humano. Por consequência nós consideramos também toda a ciência humana como um único edifício de conhecimentos, [...] (Haeckel, 1908, p.1).

Haeckel via a vida e a morte, a criação e a destruição como ciclos interligados, onde o sofrimento e a decadência são tão naturais quanto o nascimento e a renovação. Esse pensamento se conecta à obra de Augusto dos Anjos ao enfatizar que o sofrimento não é um aspecto isolado ou injusto do universo, mas sim um elemento estrutural da existência natural. Conforme Duarte Neto (2000, p. 54-55):

Na poética augustiana, [...] toda a matéria é unida por uma essência comum, daí o monismo presente na obra do poeta. Servindo-se de uma linguagem e de um pensamento científico alicerçado em muito nas teorias de filósofos como Haeckel e Spencer, Augusto dos Anjos constrói em sua obra a visão de que a humanidade, bem como todos os outros seres, estão unidos por um princípio circunscrito ao mundo.

Em poemas como *Monólogo de uma Sombra*, a ideia de uma vida enredada em dor e morte se alinha ao monismo, pois não existe culpa ou redenção no universo; existem apenas os processos naturais, dos quais o sofrimento humano é uma expressão inevitável, de modo que o ser humano retornaria à substância inicial, como se percebe nos versos abaixo:

E o que ele foi: clavículas, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem
- Engrenagem de vísceras vulgares –
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares! (Anjos, 2012, p. 27).

Todavia, Augusto dos Anjos aborda esse pensamento com um pouco mais de fatalismo e até mesmo desespero:

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vêde-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glutoneria hedionda, brincam,
Como as cadelas que as dentuças trincam

No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante:
Toma conta do corpo que apodrece.
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham
No cadáver malsão, fazendo um s. (Anjos, 2012, p.27)

Augusto dos Anjos explora de forma visceral a inevitabilidade da decomposição do ciclo natural, incorporando o pensamento monista de Haeckel ao mostrar que o corpo humano — tão complexo em vida — retorna ao mesmo processo biológico a que estão sujeitos todos os seres, dissolvendo-se na matéria bruta, evidenciando a matéria humana, desintegrando-se e servindo como alimento para os vermes e bactérias, elementos naturais que perpetuam o ciclo de vida e morte.

A imagem dos *vermes assassinos* e da *glotoneria hedionda* sublinha a crueza da existência e da morte, que, para Augusto dos Anjos, não tem nada de romântico, como se destaca nos versos abaixo:

E foi então para isto que esse doudo
Estragou o vibrátil plasma todo,
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!
Num suicídio graduado, consumir-se,
E após tantas vigílias, reduzir-se
À herança miserável de micróbios! [] (Anjos, 2012. p. 27)

Em *Psicologia de um Vencido* (Anjos, 2012, p.32), esse processo também é citado:

[...]
Já o verme – este operário das ruínas-
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!”

O verme é um ser que representa mais que a putrefação e a decomposição do corpo; também representa a inerrância da morte:

[...] o verme representa na poética augustiana a precariedade da existência, representa o seu caráter efêmero. É, por simbolizar a infalibilidade da morte, que o verme é retratado como divindade. E é essa infalibilidade que, conjugada ao predomínio incessante da dor no mundo, representa o aspecto trágico por excelência da condição humana na visão do poeta. (Duarte Neto, 2000, p. 54).

O monismo também se faz presente no tratamento da matéria e da decadência física, por meio da menção de elementos químicos, como na primeira estrofe de *Psicologia de um Vencido*: “Eu, filho do carbono e do amoníaco, [...]” (p.32).

Ao mencionar elementos químicos em seus poemas, como *carbono* e *amoníaco*, o poeta reconhece que a vida humana é fundamentalmente uma manifestação física, sujeita às leis naturais de transformação e degradação, o que pode ser visto também em *Monólogo de uma Sombra*:

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias! (Anjos, 2012, p.25).

Na visão monista, o corpo humano e a matéria em decomposição fazem parte do mesmo ciclo eterno, onde vida e morte são partes inseparáveis da realidade. Ainda no poema *Psicologia de um Vencido*, por exemplo, o eu lírico se reconhece como um “monstro de escuridão e rutilância,”(p.32), mesclando luz e trevas, vida e morte, uma metáfora que sugere a dualidade inevitável e a natureza cíclica da existência.

Já na segunda estrofe de *Monólogo de uma Sombra* (2012, p.25), Augusto dos Anjos também aborda o termo simbiose, que é utilizado para se referir à relação em que indivíduos de espécies diferentes coexistem intimamente:

[...]
A simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios.
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas

E a morbidez dos seres ilusórios.
[...]

Essa interdependência dos organismos e forças naturais é um conceito que dialoga diretamente com o monismo de Haeckel, que afirma que toda a realidade é composta por uma única substância, conectada por leis naturais, não havendo separação essencial entre o ser humano e o resto do cosmos, e essa unidade é expressa poeticamente aqui como um "equilíbrio".

No entanto, essa *simbiose* não é apresentada como algo confortante ou idealizado, mas como uma verdade inevitável que regula tanto a criação quanto a destruição, a saúde quanto a morbidez, conforme o poema desenvolve. Há aqui também, um eco do pessimismo schopenhaueriano, pois esses ciclos — embora regulares e grandiosos — não oferecem redenção, mas apenas perpetuam o sofrimento inerente à existência.

O equilíbrio sugerido pelo poema não é idealista ou espiritual, mas uma aceitação da natureza cíclica e inevitável do cosmos, onde vida e morte, criação e destruição coexistem como partes interdependentes de um todo. Essa perspectiva reflete tanto o determinismo materialista de Haeckel quanto o pessimismo de Schopenhauer.

O primeiro oferece uma explicação naturalista para os fenômenos que regem o universo, enquanto o segundo expõe a dor e a insatisfação como elementos centrais da experiência humana. O eu lírico, nesse contexto, não busca escapar dessas verdades, mas reconhecê-las e expressá-las em sua forma mais crua e poética.

Dessa maneira, a obra de Augusto dos Anjos une a visão pessimista de Schopenhauer com o monismo de Haeckel, construindo desse modo, o pessimismo, o isolamento e a angústia na obra.

Sob esse viés, o sofrimento humano não é apenas um fenômeno subjetivo, mas uma realidade objetiva, integrada ao próprio tecido do universo. A dor e a fragilidade não são acidentes, mas expressões naturais da matéria viva.

Esse entendimento reforça a dimensão inevitável do sofrimento, afirmando que tudo o que existe — desde as menores partículas até os seres humanos e os sentimentos mais profundos — está interligado em um ciclo contínuo de existência, decadência e renovação.

4.2 Entre vermes e versos: A matéria da vida e da morte

A obra *Eu*, de Augusto dos Anjos, apresenta uma fusão única de estilos literários, contendo elementos do Simbolismo, do Pré-Modernismo e do Parnasianismo, tornando difícil a classificação do autor. Consoante Duarte Neto “pela impossibilidade de ser classificada de forma absoluta, a poesia de Augusto dos Anjos já foi aproximada de uma grande variedade de movimentos artísticos e filosóficos [...]” (2000, p.1). Esses movimentos influenciam sua poesia, ainda que ele os transcenda ao criar uma linguagem e um universo poético próprios, marcado pelo pessimismo, pela exploração de temas científicos e por uma visão existencialista e angustiada do ser humano.

Embora seus temas sejam muito diferentes dos tradicionais poetas parnasianos, Augusto dos Anjos ainda adota elementos estruturais e linguísticos característicos dessa escola, como o culto à forma e seu interesse pela perfeição técnica.

O poeta frequentemente adota formas fixas, como o soneto, e usa métrica e rima precisas. Esse rigor estrutural é uma característica do Parnasianismo, que defende o cultivo da forma perfeita e a valorização de estruturas clássicas. E, isso pode ser visto em alguns poemas, como por exemplo, no soneto *Psicologia de um Vencido* (Anjos, 2012, p.32):

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco. [...]

De acordo com Porini (2012): “[...] como herança parnasiana, podem-se citar o preciosismo formal, [...]” os versos decassílabos e a escolha vocabular[...]. (Anjos, 2012, p. 19-20). Assim, *Psicologia de um Vencido* é um soneto decassílabo, que segue um esquema de rima ABBA-BAAB-CCD-EED,

junto com o uso de uma linguagem técnica e complexa, preservando, dessa maneira, o rigor formal e estético típico do Parnasianismo.

Ademais, em sua obra, há também a presença de características simbolistas, já que o Simbolismo trouxe para a literatura uma preocupação com o misticismo, o espiritual e o subjetivo, usando imagens sensoriais, musicalidade e símbolos que sugerem significados profundos, muitas vezes sombrios e introspectivos. Consoante, Porini (2012), “finalmente, influência dos poetas simbolistas, há a postura filosófica e a musicalidade” (p.20).

Em *Monólogo de uma Sombra*, por exemplo, a presença da sombra e do mundo das sensações reflete o interesse simbólico pela morte, pelo efêmero e pelo intangível, além disso, os versos são carregados de um tom mórbido e introspectivo, explorando o que é invisível e doloroso.

O autor também mantém em seus versos uma musicalidade, outra característica do Simbolismo, como por exemplo nos seguintes versos de *Monólogo de uma Sombra*: “[...] Do cosmopolitismo das Moneras” (Anjos, 2012 p.25), e em “[...] Brancas bacantes bêbedas o beijam.” (Anjos, 2012, p.28). Mesmo com o tom pesado e, por vezes sombrio, há uma sonoridade fluida e hipnótica que ocorre pelo uso de aliterações e assonâncias que dão aos versos uma sensação quase fúnebre.

Por fim, o Pré-Modernismo foi um movimento de transição para o Modernismo, que possuiu como característica a inclusão de temas regionais, sociais e o uso de uma linguagem mais direta, que se aproximava da realidade cotidiana, questionando valores estéticos e sociais. Nesse contexto, Augusto dos Anjos, embora com um estilo próprio, traz características pré-modernistas principalmente no conteúdo temático e no tom questionador.

O tom direto e desiludido de Augusto dos Anjos, sua exploração do grotesco e da realidade bruta da existência humana, antecipa a visão pré-modernista de que a literatura não deve evitar os aspectos mais ásperos e desagradáveis da vida.

Essa linguagem direta e carregada de pessimismo é típica do Pré-Modernismo, que buscava expor as condições humanas e sociais de maneira honesta. Em vez de idealizar a existência ou buscar a beleza elevada, ele opta por expor a verdade amarga e cruel, sem rodeios ou adornos.

Em poemas como *Versos Íntimos* Augusto dos Anjos revela uma visão crua e desencantada da sociedade, e isso pode ser visto no verso "A mão que afaga é a mesma que apedreja"(Anjos, 2012, p.95), que é uma crítica direta ao egoísmo e à hipocrisia humana, assim, "ninguém é verdadeiramente digno de inveja, e quantos são para lastimar!" (Schopenhauer, s/d, p.8). Ou seja, o ser humano é uma criatura marcada pela vileza, fragilidade e digna de compaixão.

Para o filósofo, seria preferível que o homem nunca tivesse vindo a existir. Na visão de ambos, o ser humano é tão miserável que não é digno de inveja. Em *Monólogo de uma Sombra*, o eu lírico diz que: "Com um pouco de saliva cotidiana/ Mostro meu nojo à Natureza Humana" (Anjos, 2012, p.26).

A saliva, algo cotidiano e desprezível, é usada aqui como símbolo de repulsa. Ao reduzi-la a um gesto trivial e ao mesmo tempo carregado de desdém, o eu lírico sublinha a intensidade de seu desprezo. E, esse nojo expressa não apenas uma visão negativa dos indivíduos, mas da sociedade no geral, visão que ganha maior destaque em *Versos Íntimos* (2012, p.94):

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão- esta pantera-
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
| Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.
Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

A mão que afaga, ao mesmo tempo que apedreja, simboliza o duplo caráter do ser humano: aquele que ora oferece conforto e carinho, mas, em outra oportunidade, é capaz de causar dor e traição.

A referência à lama, à ferocidade humana e ao inevitável instinto de "também ser fera" ecoa uma visão monista, alinhada às influências de Ernst Haeckel. O ser humano é visto como parte de um ciclo natural no qual a luta

pela sobrevivência molda não apenas os aspectos biológicos, mas também os comportamentais:

Uma longa série de períodos psíquicos e de estádios de civilização do homem, desfila diante do nosso espírito. No degrau mais baixo, o estádio grosseiro, podemos dizer animal do homem pré-histórico primitivo, esse antropopiteco que durante a época terciária se elevou um pouquinho acima dos seus imediatos parentes pitecóides, os antropomorfos. Em seguida vem uma série de estádios civilizadores do nível mais baixo, da simplicidade dos quais podemos fazer uma ideia parcial, pelos selvagens mais grosseiros que ainda hoje existem. (Haeckel, 1908, p. 2).

O conselho irônico do eu lírico — "Toma um fósforo. Acende teu cigarro!" — revela a resignação diante da existência. O cigarro, que simboliza a transitoriedade e a destruição lenta, é uma metáfora da vida humana, que inevitavelmente se consome e termina. Essa ideia é reforçada pelo pessimismo schopenhaueriano, que considera a vida como um ciclo de sofrimento, onde qualquer prazer é efêmero e rapidamente substituído por novas dores e frustrações.

Assim, Augusto dos Anjos reforça que a compaixão não redime a miséria humana, mas apenas a expõe como algo inerente à existência. O mundo é apresentado como um campo de batalha onde os instintos de autodefesa e a busca pelo interesse próprio prevalecem, e o ser humano, em sua essência, é incapaz de escapar dessa natureza contraditória e cruel.

Outrossim, Deyve Redyson (2009, p. 8) afirma que: "Para Schopenhauer a existência é um apelo próprio ao ser do homem, que vaga inusitadamente pelo universo." Em outras palavras, a existência é uma condição inevitável de estar no mundo, de ser confrontado com o fato de existir sem ter escolhido isso. Augusto dos Anjos compartilha, grosso modo, desse pensamento, discorrendo que este ambiente causa ao eu poética "repugnância", como pode ser visto na estrofe abaixo, de *Psicologia de um Vencido* (Anjos, 2012, p.32):

[...]
 Profundissimamente hipocondríaco,
 Este ambiente me causa repugnância.
 Sobe- me à boca uma ânsia, análoga à ânsia
 Que se escapa da boca de um cardíaco.

[...]

Assim, o nada é preferível à vida, e a morte é vista como uma libertação. A morte, nesse contexto, não é um evento dramático, mas a libertação final dessa luta constante.

Já em Haeckel, a vida e a morte são partes de um único processo natural. Sua visão monista elimina a separação entre matéria e espírito, compreendendo todos os fenômenos como manifestações de uma mesma substância: “[...] Da substância de todas as substâncias.” (Anjos, 2012, p. 25). A morte não é um fim absoluto, mas a continuidade de ciclos biológicos e energéticos que regem o universo. E, é essa imagem de vida/morte que Augusto dos Anjos constrói em sua poesia.

4.3 Ciência e Poesia: A União de Dois Mundos em Augusto dos Anjos

O final do Romantismo foi crucial para criar as condições que possibilitaram o surgimento da poesia científica, já que esse momento foi um período que marcou uma transição significativa no campo das artes e da ciência, em que o encantamento pelo mundo natural, típico dos românticos, começou a dialogar mais diretamente com a racionalidade emergente da ciência moderna: “Inicialmente, é importante dizer que foi o fim do Romantismo que criou condições para que a poética científica surgisse. Esse, no último quartel do século XIX, já era considerado decadente.” (Sabino, 2006, p.13).

Como o Romantismo já estava entrando em decadência, era necessária a criação de uma nova poesia: “esse dia que foi o Romantismo, teve as suas horas de arrebatamento, de cansaço e por fim de sonolência, até que sobreveio a tarde e negrejou a noite.” (Machado, 2002, p. 415), assim, a poesia científica coloca-se como uma ponte entre dois mundos frequentemente vistos como opostos, unindo a sensibilidade estética da poesia mais subjetiva com o rigor e o fascínio do conhecimento científico:

[...] a poética científica constituiu um movimento representativo no seu tempo: surgiu em oposição ao Romantismo, como uma resposta à crise por que passava a poesia brasileira, como

uma tentativa de adaptá-la aos novos tempos, [...] (Sabino, 2006, p. 12).

Enquanto o Romantismo exaltava a subjetividade, a emoção e a conexão profunda com a natureza, o avanço do conhecimento científico trouxe novas perspectivas sobre os fenômenos naturais, desvendando mistérios e ampliando os horizontes da compreensão humana. A ciência, ao desmistificar os fenômenos naturais e ao explicá-los por meio de leis universais, trouxe um novo olhar sobre o mundo, mais cético e materialista, mas também mais racional e, paradoxalmente, mais existencial.

Desse modo, a poesia científica nasceu desse entrelaçamento, visto que os escritores começaram a buscar um equilíbrio entre emoção e intelecto. Nesse ínterim, Augusto dos Anjos é amplamente reconhecido como um dos principais representantes dessa fusão entre ciência e lirismo na literatura brasileira.

Em sua obra, o poeta paraibano incorpora conceitos científicos enquanto explora a existência, a morte e a decomposição humana, como pode ser visto na primeira estrofe de *Monólogo de uma Sombra* (Anjos, 2012, p.25): “Sou uma Sombra! Venho de outras eras, / Do cosmopolitismo das moneras.... [...]”.

Versos como "eu sou uma sombra! Venho de outras eras" dão a ideia de continuidade e transformação ao longo do tempo, algo que ressoa com conceitos evolucionistas e até termodinâmicos, como a entropia. A sombra, enquanto símbolo, reflete a impermanência e a fusão entre o indivíduo e o universo material, uma noção ampliada pela ciência ao descrever o ciclo da vida. Em outra estrofe, o poeta descreve a velhice como uma “sanguessuga”, como pode ser visto logo abaixo:

Pairando acima dos mundanos tectos,
Não conheço o acidente da Senectus
- Esta universitária sanguessuga-
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento dos papiros
E a miséria anatômica da ruga! (Anjos, 2012, p.25).

Nota-se que sua poesia apresenta um vocabulário técnico e científico inusitado para o contexto literário da época, e esses elementos não são usados

de forma meramente descritiva, mas para intensificar o impacto emocional e filosófico de suas reflexões. Consoante Aragão (2021, p. 122): “a linguagem de Augusto foi e é considerada por muitos estudiosos como hermética e de difícil entendimento, pelo uso de palavras ‘estranhas’ à linguagem poética, que se esperava dos poetas de sua época.”

Ele transforma o rigor científico em uma ferramenta poética, criando imagens fortes e incomuns que aproximam a materialidade da ciência das angústias existenciais humanas: “[...] A bacteriologia inventariante: / Toma conta do corpo que apodrece.” (Anjos, 2012, p. 27). O termo "bacteriologia" remete ao campo da ciência que estuda bactérias, organismos microscópicos responsáveis por inúmeros processos, incluindo a decomposição dos corpos após a morte, já o adjetivo "inventariante" sugere a ideia de um inventário, um registro meticuloso, como se a ciência, fria e objetiva, catalogasse e analisasse o processo de degradação do corpo com precisão.

O poeta utiliza uma imagem visceral para destacar a materialidade da existência humana. O apodrecimento é descrito não com eufemismos, mas com um rigor quase clínico, o que reforça o tom científico e racional da obra.

Para ele, a ciência não destrói o mistério poético, mas amplia suas possibilidades, permitindo que a poesia investigue questões profundas sobre a condição humana e sua relação com o universo: “ele soube aproveitar a poética científica como ponto de partida para desenvolver uma poesia altamente expressiva e inovadora, que permanece até hoje.” (Sabino, 2006, p. 11). Sua obra pode ser considerada um marco na poesia científica, pois consegue capturar o espanto e o sublime que emergem do conhecimento racional, mostrando que ciência e poesia podem dialogar para expressar tanto a beleza quanto a inexorabilidade das leis naturais:

No horror de sua anômala nevrose,
Toda a sensualidade da simbiose,
Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,
Como no babilônico sansara,
Lembra a fome incoercível que escancara
A mucosa carnívora dos lobos. (Anjos, 2012, p.28).

Essa estrofe do poema inicial, *Monólogo de uma Sombra*, posiciona o sujeito poético em um estado de perturbação psicológica, marcado por um

desequilíbrio emocional que transcende o normal, sendo intensificado pela “sensualidade da simbiose”, uma imagem que combina a biologia com o erotismo para descrever uma relação interdependente, possivelmente entre o humano e seus próprios instintos animais, ou entre forças destrutivas e criativas da natureza.

Já o “babilônico sansara” remete a ciclos incessantes de desejo, decadência e renascimento, mesclando a materialidade da fome instintiva com a repetição de um eterno retorno, marcado pela violência e pela busca de satisfação. Segundo Aragão (2006, p. 63), “Augusto dos Anjos, baseando-se em um aparato filosófico-científico, como propõe a poética científica, inova a poesia.”.

Outros vocábulos científicos que podem ser encontrados em *Monólogo de uma Sombra* (Anjos, 2012, p.25-30), são: “[...] Raio X, Magnetismo misterioso, / Quimiotaxia, ondulação aérea[...]/ Como que, em suas células vilíssimas[...]/ Do seu zooplasma ofídico resulta. [...]/ É a fauna cavernícola do Crânio. [..]”

Essa seleção lexical transforma o poema em um espaço onde a linguagem técnica e o lirismo coexistem para investigar a condição humana de forma crua e visceral.

Cada termo evoca uma ideia que conecta o biológico ao metafísico, sugerindo que os mistérios da vida e da morte não se encontram em esferas transcendentais, mas na composição material do ser. O uso desse vocábulo é ainda mais forte em *Psicologia de um Vencido*, quando logo no início, o eu lírico faz uso de termos como *carbono* e *amoníaco*: “Eu, filho do carbono e do amoníaco,” (Anjos, 2012, p.32).

O carbono, elemento químico fundamental para a vida, é frequentemente associado à estrutura básica da matéria orgânica. Em Augusto dos Anjos, ele simboliza a universalidade da matéria viva e sua inevitável transformação em pó ou cinzas após a morte. O carbono é, assim, tanto o fundamento da vida quanto o destino, remetendo à ideia de que a existência humana é parte de um ciclo maior, governado por leis químicas e físicas. Já o amoníaco é uma substância associada ao processo de decomposição, sendo uma das principais substâncias liberadas durante o processo de putrefação do corpo humano, que é causado pelo verme, e também é citado por Augusto dos Anjos:

[...]
 Já o verme - este operário das ruínas –
 Que o sangue podre das carnificinas
 Come, e à vida em geral declara guerra, [...] (Anjos, 2012, p. 32).

Nesse contexto, o verme é um inimigo da vida humana, pois ele a “come”. Nesse poema, é representado o processo de decomposição do corpo humano, mas, de modo poético.

O uso de termos científicos, como observado em *Monólogo de uma Sombra* e *Psicologia de um Vencido*, evidencia a tensão entre a razão e a emoção, a matéria e o espírito, que é central na obra de Augusto dos Anjos. Ao empregar tais vocábulos, o poeta não cria uma atmosfera densa, introspectiva e refletiva sobre a fragilidade da vida humana e sua finitude, características amplificadas pela poética científica. Segundo Duarte Neto (2000, p. 65-66):

Essas palavras, na maioria das vezes, não possuem a função de mero adorno, pois isso acarretaria um brilhantismo superficial, mas têm a função de ser, além de um instrumento de expressão do ideário de sua poesia, algo capaz de criar um clímax ou um a atmosfera de tensões em consonância com o conteúdo dessa poesia.

Esses recursos científicos são utilizados para intensificar o pessimismo, o isolamento e a angústia que permeiam os poemas de Anjos e, consoante Sabino (2006, p. 50): “Augusto dos Anjos incorpora esse vocabulário filosófico- científico, obtendo efeitos poéticos [...] para tratar de conteúdos científicos, buscando novas relações e imagens.” Por meio de uma linguagem que descreve o corpo humano e seus processos naturais com uma precisão quase clínica, ele consegue transformar a dor e a decomposição em imagens poéticas fortes e inquietantes.

A estética da ciência, fria e impessoal, é assim transposta para o campo da poesia, onde ganha uma carga emocional intensa, ao ponto de o horror e a fatalidade do processo de decomposição serem descritos com uma objetividade assustadora. A poética científica de Anjos, portanto, potencializa o

caráter existencialista de suas obras, ao mesmo tempo em que revela o desencanto com as idealizações românticas da vida e da morte.

Em sua obra, Augusto dos Anjos não usa a ciência para aliviar o sofrimento humano, mas para ampliá-lo: “[...] E após tantas vigílias, reduzir-se/ À herança miserável de micróbios! (Anjos, *Monólogo de uma Sombra*, 2012, p.27). A precisão científica serve como um espelho da dor existencial, tornando ainda mais palpável e inescapável a percepção de que somos, em última análise, matéria em decomposição, sujeitos às leis físicas e químicas que regem a vida e a morte.

A ciência, ao invés de despojar a poesia de sua força emocional, como muitos poderiam esperar, oferece-lhe uma nova linguagem para expressar a crueldade e a angústia da existência humana. Conforme Sabino (2006, p. 58):

A poética científica propôs a abertura temática, isto é, a incorporação pela poesia de elementos até então considerados anti-poéticos, como doença, vermes, cadáveres, crimes, misérias, etc. A poesia poderia abranger qualquer tema, inclusive os mais repugnantes [...].

Assim, ao empregar a linguagem científica, Augusto dos Anjos cria uma poética que não apenas descreve o corpo e seus processos de maneira detalhada, mas também invoca um tipo de angústia existencial. Ele usa a frieza da ciência para expressar o calor da dor e do sofrimento humano, mostrando que o fim do Romantismo e o advento da ciência não representaram uma separação entre a arte e a realidade, mas sim uma nova forma de compreensão daquilo que é real — o corpo, a morte, a degradação — e, ao mesmo tempo, uma forma de intensificar as questões existenciais da condição humana.

5 A POÉTICA DO PESSIMISMO: REFLEXÕES FINAIS SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS

A análise da obra *Eu*, de Augusto dos Anjos, revela um processo estético complexo que articula a construção do eu e do outro por meio de uma perspectiva única na literatura brasileira.

Nesse contexto, foi possível evidenciar como a linguagem científica e as influências filosóficas convergem para potencializar o pessimismo, o isolamento e a angústia presentes em seus poemas, cumprindo os objetivos estabelecidos pela pesquisa.

O método qualitativo e a fundamentação teórica permitiram abordar os objetivos específicos da pesquisa. Foi possível compreender, por exemplo, como a adoção de uma linguagem técnica e precisa contribuiu para intensificar o impacto emocional da obra, potencializando o pessimismo e a introspecção.

Ressalta-se que a singularidade da poética de Augusto dos Anjos, marcada pela fusão de diversas influências em conjunto, dão origem a uma obra de extrema complexidade e coerência temática, que representa um marco na literatura brasileira por sua capacidade de dialogar com múltiplas tradições e incorporar elementos científicos sem abdicar da subjetividade e da introspecção. A presença simultânea da influência do Parnasianismo, do Simbolismo e do Pré-Modernismo resulta em uma abordagem inovadora, em que a precisão formal se une a reflexões profundas sobre a condição humana.

Os poemas escolhidos para análise, — *Monólogo de uma Sombra*, *Psicologia de um Vencido* e *Versos Íntimos* —, expõem essa fusão. Com seus versos que abordam a hipocrisia, a brutalidade e a futilidade das interações e um profundo desgosto com a natureza humana, servem de exemplo para demonstrar como o poeta utilizou de correntes filosóficas articuladas com uma linguagem científica, para construir o eu e o outro, dentro de sua obra.

O ser humano, na visão do poeta, é apenas uma expressão momentânea dessa substância peregrina, destinada a retornar à matéria original após a morte. Essa ideia é ilustrada em imagens de decomposição e transformação, como a figura do verme que consome o corpo humano, sendo o verme não apenas um símbolo de morte, mas também uma expressão da continuidade da vida dentro do ciclo natural.

Todavia, essa imanência não é uma fonte de conforto ou harmonia. Em vez disso, ela reforça o caráter trágico e inexorável da condição humana, na qual o sofrimento, a decadência e a morte são inevitáveis. A ausência de uma transcendência salvadora intensifica o sentimento de desamparo, mas também proporciona uma visão crua e honesta da existência.

Assim, dentro da poética augustiana está a articulação entre o pessimismo schopenhaueriano, o monismo de Haeckel e uma linguagem científica que transcende os limites da poesia convencional. A dor e o sofrimento, temas recorrentes em sua obra, são apresentados não como acidentes, mas como condições intrínsecas da existência, enquanto o ciclo inevitável de vida e morte é explorado por meio de imagens científicas e simbólicas, refletindo uma visão existencialista que reconhece a fragilidade e a transitoriedade da vida.

Além disso, o uso do vocabulário técnico-científico intensifica a força expressiva de seus versos, transformando processos biológicos e químicos em metáforas poéticas de grande impacto emocional. Esse rigor científico, contudo, não desumaniza sua poesia; ao contrário, ele a torna mais visceral, expondo a materialidade da existência humana e a inevitabilidade da decomposição.

Ao incorporar conceitos biológicos e químicos em seus versos, ele não apenas amplia os horizontes da poesia, mas também reconfigura as fronteiras entre arte e conhecimento. Essa união evidencia que a ciência, ao contrário de desmistificar a existência, pode oferecer novas formas de contemplar a beleza e a tragédia da vida.

Por fim, é importante destacar o impacto duradouro da poética de Augusto dos Anjos. Sua obra não apenas representa uma ruptura com as tradições literárias do seu tempo, mas também inaugura novas possibilidades para a poesia, demonstrando que a arte pode dialogar com a ciência e a filosofia sem perder sua sensibilidade e profundidade emocional. Ele transformou a dor e a decomposição, elementos geralmente evitados na poesia, em temas dentro de sua obra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério Caetano. **O corpo grotesco como elemento de construção poética nas obras de Augusto dos Anjos, Mário de Sá - Carneiro e Ramón López Velarde**. São paulo, 2007. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo – USP Disponível em : https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02102007-152309/publico/TESE_ROGERIO_CAETANO_ALMEIDA.pdf

ANJOS, Augusto dos. **Eu e Outras poesias**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

(Coleção a obra-prima de cada autor; 82).

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. A linguagem científica de Augusto dos Anjos. **Acta Semiotica et Linguística (ASEL)**, João Pessoa (PB), ano 44, v. 25, n. 1, p. 118-135, 2020. Vol. 25 – Ano 44 –n° 1 –2020. Pp. 118- 135. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/53077>

ASSIS, Machado de. A nova geração. In _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BOSI, Alfredo. O simbolismo. In _____. **A história Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2021. 53ª Ed. Pp- 279- 322.

DUARTE NETO, Henrique. **As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em : <https://core.ac.uk/download/pdf/30360173.pdf>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAECKEL, Ernst. **O Monismo**. (Tradução de Fonseca Cardoso.) Porto: Livraria Chardon, 1908. Ebook. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/monismo.html> Acesso em 25 de maio de 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração / Maxwell Ferreira de Oliveira**. -- Catalão: UFG, 2011. 72 p.

REDYSON, Deyve. **Dossiê Schopenhauer/** São Paulo: Universo dos livros, 2009. 128 p. ISBN 978- 85- 7930 - 047- 9

RUBERT, Nara Marley Aléssio. o lugar de augusto dos anjos na poesia brasileira. **Revista Literatura em Debate**, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

SABINO, Márcia Peters. **Augusto dos Anjos e a poesia científica**. Juiz de Fora, 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em : [CAPÍTULO 2: COMPARAÇÕES ENTRE POETAS CIENTÍFICOS E AUGUSTO DOS ANJOS](#)

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do mundo** (Tradução de Albino Fojjaz de Sampaio). Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor/Metafísica da Morte**. Tradução de Jair Barboza; revisão técnica Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação.**
(Tradução Jair Barboza.)São Paulo: UNESP, 2005.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRONICA
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA**

1. Identificação do material bibliográfico:

[] Monografia [X] TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Centro: _____

Autor(a): Kaylane Fernanda Araújo de Sousa

E-mail (opcional): kaylanequirino10103@gmail.com

Orientador (a): Cristiane Feitosa Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí – UFPI

Membro da banca: Cristiane Feitosa Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Membro da banca: Welbert Feitosa Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Membro da banca: Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Instituição: Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Titulação obtida: Graduação em Letras Português

Data da defesa: 16/01/2025

Título do trabalho: **ENTRE VERSOS E ÁTOMOS: A CIÊNCIA E O PESSIMISMO
NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS**

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [X]

Parcial: []. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos-

Data: 31/07/2025

Assinatura do(a) autor(a):

Kaylane Fernanda Araújo de Sousa

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).